

MITO E RELIGIÃO NA SOCIEDADE ASTECA

Reginaldo Aliçandro Bordin*

Resumo: O presente trabalho procurou estudar a mentalidade mítica do povo asteca, pois evidencia o modo como esse povo entendia a gênese de seu mundo e do homem. Além disso, por meio dos mitos, permite-se entender seus valores, bem como sua organização social. Nessa perspectiva, os mitos astecas contribuem para um entendimento maior das culturas que formaram o povo latino-americano.

Palavras-chave: Mito; Asteca; América Latina.

Abstract: The current assignment tried to study the mythic mentality of the Aztecs, because it shows the way they understood the genesis of the world and of the man. Besides, through the myths, it is feasible to understand their values as well as their social organization. In this perspective, the myths of the Aztecs contribute to a deeper understanding of the culture that formed the Latin Americans.

Keywords: Myths; Aztec; Latin America

1. Introdução

O mito sempre desempenhou papel importante na construção do imaginário do homem. Sua elaboração teve o sentido de explicar e preservar a memória social de um povo. Dessa forma, o mito pode ser entendido como uma das produções culturais mais eficazes para explicar e transmitir experiências humanas.

Em sua obra *Antropologia Estrutural*, Claude Lévy-Strauss apresenta alguns conceitos fundamentais para entender a constituição dos mitos. Para o autor, o estudo dos mitos nos dá elementos contraditórios. Por um lado, no mito tudo pode acontecer, pois não há uma regra de lógica ou de continuidade no desenvolvimento

* Mestre em Fundamentos da Educação pela Universidade Estadual de Maringá e professor de Filosofia do Direito e Antropologia do CESUMAR.

dos acontecimentos. Por outro lado, observa-se que os mitos, aparentemente arbitrários, se reproduzem com os mesmos caracteres e detalhes similares, em diferentes partes do mundo.

Para esse antropólogo, as similaridades e as contradições parecem encontrar-se no nível da linguagem, pois mito e língua guardam uma íntima relação entre si. O mito encontra-se no âmbito do discurso, da palavra, e, se quisermos perceber os caracteres específicos do seu pensamento, devemos demonstrar que o mito está na linguagem e para além dela.

Não obstante, o mito se define também por categorias não restritas à linguagem. Alude sempre a acontecimentos passados, anteriores à criação do mundo ou ocorridos durante as primeiras idades. Porém, o valor intrínseco atribuído ao mito provém de que esses acontecimentos, que se supõem ocorridos em um momento do tempo, formam também uma estrutura permanente. Ele se refere simultaneamente ao passado, ao presente e ao futuro. Provisoriamente, Claude Lévy-Strauss chega a três conclusões importantes. 1. Se os mitos têm um sentido, este não pode depender dos elementos isolados que entram em sua composição, senão da maneira como esses aspectos se encontram combinados. 2. a mito pertence à ordem da linguagem, da qual constitui parte integrante; contudo, a linguagem, tal como se utiliza no mito, manifesta propriedades específicas. 3. Essas propriedades somente podem ser buscadas por cima do nível habitual da expressão lingüística; dito isso de outra maneira, são de natureza mais complexa que aquelas que se encontram numa expressão lingüística qualquer (LÉVY-STRAUSS, 1996).

Mircea Eliade, assim como Claude Lévy-Strauss, também define o mito a partir das histórias que narram o princípio da vida. O mito conta uma história sagrada, quer dizer, um acontecimento primordial que teve lugar no início do Tempo. Contar uma história sagrada, para o autor, equivale a revelar um mistério, pois os personagens dos mitos não são seres humanos, mas se apresentam como deuses ou heróis civilizadores. Por essa razão, sua criação constitui um mistério, que o homem não poderia conhecer se não lhe fosse revelado. O mito é, nessa perspectiva, a história do que se passou no início do Tempo, a narração daquilo que os deuses fizeram nesse início (ELIADE, 1996).

O mito cosmogônico, além de revelar a ação criadora dos seus deuses, serve de modelo para todos os ritos e todas as ações humanas significativas, como alimentação, sexualidade, trabalho e educação. O homem procura imitar a atividade dos deuses, repetindo suas ações por meio de um conjunto

de ritos cerimoniais que tentam atualizar o momento da criação divina (ELIADE, 2002). Desse modo, o ritual é um meio de atualizar o mito original, ou seja, de conhecer a criação.

Assim, mito e rito estão ligados, uma vez que um é o fato original e o outro é o ato repetitivo daquele acontecimento, é sua atualização. Cumpre aos ritos, desse modo, recordar ao homem o que se passou no "início do tempo", evitando seu esquecimento. O que importa, segundo Mircea Eliade, é rememorar o acontecimento mítico, o único criador, e por isso cabe ao mito conservar a verdadeira história, a história da condição humana. É nos mitos, portanto, que é preciso procurar e reencontrar os princípios e os paradigmas de toda conduta.

Dessa forma, Mircea Eliade traça uma definição de mito que passa pela "história do sagrado", ou seja, como um acontecimento que ocupa lugar num tempo primordial e é freqüentemente lembrado pela comunidade por meio de uma seqüência de ritos (ELIADE, 1996).

Diferentemente dos antropólogos anteriores, Giovanni Reale estabelece um critério que distingue o racional concebido como filosofia e o irracional na forma de "realidades fantasiosas", isto é, míticas. Para esse filósofo, o mito é uma representação fantástica, com imaginação poética e intuitiva e analogias sugeridas pelas experiências sensíveis; portanto, situa-se aquém da razão filosófica. A diferença entre o mito e o pensamento filosófico, segundo o autor, consiste no fato de que a filosofia não usa representações fantástico-poéticas, mas vale-se do *lógos* e da pura razão para entender e explicar seu objeto (REALE, 1995)

Eduardo Matos Moctezuma apresenta algumas características fundamentais que servem como ponto de partida para a análise dos mitos, em especial daqueles que faziam parte dos astecas. O mito, para o autor, forma parte do fenômeno mágico-religioso, que reflete, por sua vez, parte da estrutura socioeconômica. Uma segunda característica é que o mito trata de dar respostas a fenômenos que sempre preocuparam o homem e, baseado em mecanismos mágicos que permitem oferecer uma explicação, cria seres sobrenaturais que ajudarão na busca por respostas. Por fim, uma vez criados os mitos pelos homens, estes devem transcendê-los constantemente, pois a conduta social e o rito vêm a converter-se em ato repetitivo daquilo que aconteceu no tempo mítico (MOCTEZUMA, 1997).

O conteúdo mítico converte-se, destarte, em modelo ou padrão, ao propor comportamentos determinados, os quais contribuem para a manutenção da ordem posta. O mito oferece, dessa forma, modelos que

procuravam organizar a sociedade dentro de esquemas concebidos como ideais e sagrados. Essa dimensão, conforme se observa entre os astecas, legitimava suas concepções de mundo, de homem e de sociedade.

Na legitimação dessa visão de mundo, os astecas acreditavam que seus deuses haviam criado o universo por quatro vezes, mas este fora destruído e recriado sucessivamente, o que demonstra a instabilidade do cosmos, que já nasceu condenado à destruição. Para responder a esse quadro de ameaça, a religião foi organizada no sentido de preparar o homem para conviver com a possibilidade de destruição. Angustiado por essa condição, a sociedade asteca convocava seus membros a preservar a criação dos deuses e, por extensão, a sociedade e a vida, por uma seqüência de ritos e celebrações que incluíam o sacrifício humano.

Sob essa ótica, o destino do homem estava concebido como fator de equilíbrio das forças cósmicas, equilíbrio que garantia o seu movimento e a sua estabilidade. Essa construção mítica pode ser contemplada na formação de guerreiros e sacerdotes que realizavam a captura de reféns para os oferecer como sacrifícios humanos aos deuses.

Sendo assim, esses mitos representam uma síntese dos valores históricos, sociais e religiosos da cultura asteca e são significativos para o entendimento de sua história.

1.1 Mentalidade mítica do asteca

Em contato com a cultura dos *toltecas*² no Vale Central do México, os astecas herdaram parte de seu legado espiritual e o adaptaram às suas necessidades históricas. Enriqueceram os mitos com sua própria experiência, conferindo uma nova visão de mundo, com divindades específicas aos seus interesses e a sua condição social e econômica.

O crescimento da civilização asteca possibilitou o desenvolvimento de concepções distintas do Universo, as quais se manifestavam na estratificação dos deuses e na “especialização” de suas funções. Esse

² Os toltecas floresceram no Vale Central do México entre os anos 900 a 1200 d. C. Atribuem-se a eles qualidades excepcionais no desenvolvimento da agricultura, da arte, do poder político e sacerdotal. Entre os astecas, os toltecas sempre aparecem de forma fantasiosa, pois acreditavam que em sua capital, Tula, viveu um sacerdote legendário, *Ce Ácatl Topiltzin Quetzalcóatl*

resultado levou a prática mais intensa dos rituais religiosos e do culto prestado aos deuses que faziam parte da sociedade asteca. A importância atribuída aos deuses e à divisão de suas funções resultou tanto do desenvolvimento cultural quanto de sua organização social, amparada pela religião e pelos mitos.

Numa construção sofisticada no mundo, os astecas conceberam-no povoado por deuses terrestres e celestes que participaram na criação e manutenção dos astros, da vida e do homem, como percebemos em suas cosmogonias, especialmente as que tratam de pontuar o nascimento dos deuses responsáveis por gerarem os sóis ou eras.

Na cosmogonia asteca, o primeiro deus, *Tloque Nahuaque*, era considerado supremo, abstrato e criador de tudo. Mas ao mesmo tempo, dizia-se que os deuses nasceram do casamento de *Ometechuhtli* com *Omecihuatl*³, senhor e senhora da dualidade e, em razão disso, a criação teve como ponto de partida o casal primordial. Dessa união surgiram as quatro primeiras divindades: *Tezcatlipoca Roxo*, *Tezcatlicopa Negro*, *Quetzalcóatl Huitzilopochtli*, o *Tezcatlipoca Azul*, que tiveram por missão a criação do cosmos, do mundo e dos homens (CASO, 1992).

Tezcatlipoca Roxo, também conhecido por *Xipe Tóte*, o “Senhor Esfolado”, é o deus da primavera e dos ourives. Segundo Ángel María Garibay, *Xipe Tótec*, era uma divindade da vegetação e, como acontece em muitas religiões primitivas, era a personificação do Falo criador, ou seja, uma divindade que fertiliza e fecunda a terra. Relacionado com a chuva e a agricultura, esse deus era celebrado com um sangrento rito. Esfolar homens era uma forma mágica de reproduzir o que ele fazia com a terra, quando chegava o inverno (GARIBAY, 2000).

Oculto a esse deus consistia em tirar a pele de um prisioneiro de guerra, pintá-la de amarelo para recordar as folhas de ouro usadas pelos artesãos para cobrir os objetos que fabricavam e revestir com ela um sacerdote que perambulava pela cidade. Por onde passava causava espanto, fazendo fugir as pessoas pela aparência e mau odor. No rebento das plantas, entrada da primavera, os sacerdotes, após 22 dias, tiravam a pele e queimavam-na; depois banhavam-se em água-de-cheiro.

³ Senhor e Senhora que representam a fertilidade, fonte original da vida

Esse rito significava que, ao chegar a primavera, a terra deveria cobrir-se com uma nova capa de vegetação e mudar sua pele morta, revestindo-se de uma nova (CASO, 1992). Para o asteca, a pele da vítima representava a nova vegetação que "vestia" a terra ao cobri-la de plantas, logo após as primeiras chuvas.

Semelhante a *Xipe Tótec*, *Tezcatlipoca Negro*, o "Espelho Esfumaçado", referia-se ao "Céu Noturno" e, por isso, estava vinculado com outros deuses estelares e com aqueles que significam morte, maldade e destruição. É patrono dos feiticeiros e dos guerreiros, ao lado de *Huitzilopochtli*⁴.

Em geral, seu culto, em contraste com o espetáculo oferecido por *Xipe Tótec*, que causava pavor, era pomposo e dramático. Um ano antes de se prestarem as devidas homenagens ao deus, escolhia-se um jovem valente e belo para ser executado. Os sacerdotes preparavam-no ensinando-lhe hábitos de um chefe. Quando ele passeava, tocava melodias divinas em sua flauta, recebendo homenagens por onde passava. Um mês antes do sacrifício, quatro donzelas vestidas como deusas convertiam-se em suas companheiras e satisfaziam todos os seus desejos (VAILLANT, 1992). Quando chegava o dia fatídico, dispensava as jovens para encabeçar uma procissão em sua própria honra, marcada com júbilo e festas. Em seguida, despedia-se do cortejo e dirigia-se para um pequeno templo acompanhado por oito sacerdotes, que o conduziam pela escada até o alto, onde seria estendido na pedra sacrificial e morto.

Deus eternamente jovem e disposto, *Tezcatlipoca Negro* caracterizava-se por ser o que "caminhava melhor e chegava primeiro", recordando o movimento do leopardo, do qual assumia a forma. Suas diversas designações exaltam seu papel combativo: é o inimigo (*Yaotl*) e o semeador de discórdia (*necocyaotl*). Mesmo sendo um deus, suas contradições obedecem a características humanas: estimula a liberdade sexual, ao mesmo tempo que figura como um deus benéfico; é o dono dos bens deste

⁴ É o deus solar dos astecas. É o guerreiro por excelência. Segundo suas lendas, foi Huitzilopochtli quem conduziu seu povo para um novo lar.

⁵ Essas donzelas representavam os quatro rumos do Universo desenhado pela astronomia asteca e, por conseguinte, as quatro divindades que representavam cada uma delas.

mundo, podendo dispensá-los, e é amigo dos mais fortes, que o adulam ou insultam, e protetor das vítimas dos sacrifícios.

O deus presidia o dia da morte e aqueles que nasciam sob seu signo⁶ se beneficiavam da ambigüidade de seu caráter, podendo ser felizes ou desgraçados, segundo os méritos de cada um. O contraste e o dualismo que marcam esse deus, apresentado-se ele ora como criador ora como destruidor, ora puro ora protetor do pecado, parecem sugerir uma relação com a própria humanidade, que, incerta, oscila entre realizar os seus desejos profanos e os sagrados, entre a matéria perdida na violência e na discórdia e o espírito desejoso de redenção e salvação (SÉJOURNÉ, 1998).

Bernardino de Sahagún refere-se a *Tezcatlipoca* como um dos principais deuses dos astecas. Mostra seu caráter guerreiro e ao mesmo tempo benéfico, pois trazia prosperidade e riquezas. Nesse caso, *Tezcatlipoca* não pode ser entendido a partir de uma "personalidade" conflituosa e ambígua, como pretende Séjourné, mas de situações cotidianas e práticas: a guerra é um dos meios utilizados pelos astecas para conquistar territórios, riquezas e vítimas para os sacrifícios. No cumprimento dessa função, os guerreiros estimulavam o conflito bélico entre seus vizinhos para submetê-los. Sendo assim, *Tezcatlipoca* parece ser a imagem do próprio guerreiro que, para conquistar honrarias, precisa combater.

El dios llamado Tezcatlipuca era tenido por verdadero dios, y invisible, el cual andaba en todo lugar: el Cielo, en la Tierra y en el Infierno. Y tenían que cuando andaba en la tierra movía guerras, enemistades y discordias, de donde resultaban muchas fatigas y desasosiegos. Decían que el mesmo incitaba a unos contra otros para que tuviesen guerras, y por esto le llamaban Nécoc Yáutli; quiere decir 'sembrador de discordias de ambas partes'. Y decían él solo ser el que entendía en el regimiento dei mundo, y que él solo daba las prosperidades y riquezas, y que él solo las quitaba cuando se le antojaba. Daba riquezas, prosperidades y fama, y fortaleza y señorios, y dignidades y honras, y las quitaba cuando se le antojaba. (SAHAGÚN, 1988, p.38)

⁶ Segundo a cultura asteca, todos nasciam sob um signo protetor do seu calendário sagrado, o *tonalpohualli*, podendo ser bom ou ruim.

Quetzalcóatl e *Huitzilopochtli* representam, juntos, o ponto mais elevado da religiosidade asteca e o mais contraditório. Segundo a tradição, ao homem, *Quetzalcóatl* ensinou as técnicas de polir o jade e as pedras preciosas, tecer as telas com algodão colorido, fabricar os mosaicos de plumas verdes e a ciência, dando-lhe o meio de medir o tempo e estudar o movimento dos astros; ensinou o calendário, inventou as cerimônias religiosas e fixou os dias para as celebrações com muitos jejuns, penitências e auto-sacrifícios (CASO, 1992).

Por ter essa característica, *Quetzalcóatl* era patrono das instituições que representavam a base da vida social e religiosa: o sacerdócio e o colégio dos príncipes. Pelo seu caráter benéfico, não admitindo o sacrifício humano, inspirava um modelo penitente de sacerdote.

Segundo as lendas, *Quetzalcóatl* nasceu no ano 9 *Vento* do calendário sagrado asteca, o que sugere ser ele senhor dos ventos e patrono do conhecimento. Seu nome provém de uma combinação da palavra *nahua quetzalli*, a pluma verde preciosa, alusão à ave com penas brilhantes, e de *coatl*, serpente. Porém, a combinação de pássaro e serpente contém um sentido mítico. O pássaro e a serpente, como escreveu Enrique Florescano, são representações simbólicas de duas regiões significativas do pensamento cosmológico e religioso asteca: a terra e o céu. A terra, simbolizada pela serpente, representa os poderes destruidores e germinadores do solo; o céu, por sua vez, identificado com o pássaro, está associado com as forças fecundantes e ordenadoras (FLORES CANO, 1999).

A associação da serpente com *Quetzalcóatl* pode ser feita a partir dos poderes que o asteca atribuía ao deus, cuja função era fazer nascer a vida e refazê-la quando extinta, como se observa no mito dos Quatro Sóis. Todavia, o réptil, que simboliza a matéria, contém em si o germen da morte e da destruição, pois a terra está representada por uma serpente com a boca aberta, que tudo consome.

La serpiente simboliza la materia. Su asociación con las divinidades femeninas de la Tierra y de l Agua es constante. El llamado *monstruo de la Tierra* está representado por las fauces abiertas de un reptil. En esta acepción, la materia es sinónima de la muerte, de la nada: cráneos y esqueletos constituyen, con la serpiente, el conjunto de atributos de las diosas. (SÉJOURNÉ, 1998. p.23)

Por sua vez, as plumas verdes, brilhantes e coloridas do *quetzal*⁷ eram sinônimo

⁷ Pássaro de cor esverdeada, típico do território mexicano e andino.

de magnificência, esplendor e riqueza para os povos mesoamericanos e o principal ornamento das vestes sacerdotais e governamentais, significando as insígnias reais e a hierarquia do poder. Por outro lado, a pequena ave sempre representava o céu e o Sol e, como tal, era aquela que descia à terra para receber oferendas (FLORES CANO, 1999).

[...] simboliza el cielo. Es siempre un pájaro que representa esta región sobre los pilares cósmicos [...] el universo en sus diversos planos y direcciones, compuesto de cuatro árboles que surgen de las profundidades y se proyectan en el cielo [...] El águila representa siempre al sol. El colibrí representa tanto al astro en su nacimiento como al alma que se eleva de la tierra. (SÉJOURNÉ, 1998, p.50).

Ao reunir em uma só entidade os atributos da serpente e da ave, os quais, metaforicamente, se referiam aos poderes germinativos da terra e aos poderes criadores do céu, a *Serpente Emplumada* veio a ser sinônimo de Gêmeo Divino, identificada com os fenômenos agrícolas.

Segundo Enrique Florescano, as plumas verdes que cobriam seu corpo eram uma representação simbólica do momento em que a estação seca era substituída por uma nova roupagem verde de vegetação. A terra, por sua vez, representada pela pele rugosa da serpente, cobria-se de folhas verdes de milho, e esse fenômeno agrícola tomava, no imaginário asteca, a forma de uma serpente com penas. Os brotos verdes do milho formavam nos campos de cultivo um tapete coberto de "plumas verdes", assumindo uma imagem plena do florescimento da vida.

Por sua vez, a cor verde do milho e do jade, pedra que significava energia vital, foi associada com o poder político e sacerdotal dos soberanos e dos membros de linhagem nobre. Entre os astecas era costume adornar o peito dos governantes com essa pedra para significar o vínculo que unia esses personagens com as forças que animavam a ordem cósmica e humana.

Desde épocas mais remotas, anteriores aos astecas, no México, a brota anual das folhas verdes do *maíz*⁸ foi uma metáfora do ciclo de renovação da natureza. Assim, quando os governantes se faziam representar sob a forma de planta de milho, queriam significar que seu corpo mortal continha seus

⁸ Milho

prodigiosos poderes regenerativos, e que o poder real, ao transmitir-se de alguém a um sucessor, estava dotado das qualidades eternas que tinham os períodos naturais, incessantemente repetidas ano após ano. Desse modo, os atributos da gramínea e do deus do milho se transformaram em símbolos da fecundidade, do renascimento e da imortalidade, além de estarem associados ao poder, sobretudo dos sacerdotes (FLORESCANO, 1999).

Ao relacionarem os períodos da agricultura com as potências naturais, as cerimônias religiosas transformaram-se nas principais atividades dos governantes, pois, ao celebrarem os ritos, apareciam ao seu povo como seres dotados de poderes especiais que dominavam as terríveis forças da natureza, o que justificava sua importância na escala social.

Com essas características, parece evidente a importância que a divindade ocupou na sociedade asteca, principalmente entre os sacerdotes, que assumiram esse deus como fonte e inspiração de seu poder. Por outro lado, sua relação com os fenômenos naturais identifica-o como uma potência criadora desse mundo, o que fica mais claro quando assume outras personalidades: *Vênus* e *Ehécatl*.

Quetzalcóatl, identificado com *Vênus*, a Estrela da Manhã, vinculava-se aos cultos e ao jogo de pelota, e ao mesmo tempo com o ciclo de morte e ressurreição, associado ao sol e ao período de germinação do milho. Sua imagem parece estar ligada ao combate de um guerreiro que na luta é decapitado, ressurgindo transfigurado em deus. O sacrifício que esse combate apresenta aparece como condição necessária para a manutenção do cosmos e a recriação da vida. Por outro lado, enquanto Estrela da Manhã, apresenta-se como astro luminoso, oposto à escuridão e aos deuses da morte. É ele, portanto, o escolhido para combater as forças da morte, dar vida ao *Quinto Sol* e criar a nova humanidade. Essa potencialidade criadora de *Quetzalcóatl* se manifestou quando foi convocado a descer ao inferno e resgatar os restos mortais da humanidade que havia se extinguido.

Por fim, na mitologia asteca, *Ehécatl* é a representação do ar e uma das forças primordiais que davam vida ao mundo. Como deus criador, fez-se presente quando reinava a escuridão e o caos no cosmos, ajudando a separar a água e o céu da superfície terrestre e sustentando, ele mesmo, a abóbada celeste. Segundo Enrique Florescano, desde o princípio de sua existência já era um deus destinado a cumprir essas extraordinárias tarefas, ou seja, a possibilitar a existência do cosmos e do homem (FLORESCANO, 1999).

Os dados apresentados indicam que a *Serpente Emplumada*, *Vênus* e *Ehécatl* possuem origens distintas, atributos sobrenaturais e características simbólicas diferentes, mas se fundirão num só deus em *Tula mítica*⁹, como *Quetzalcóatl*, configurando-se como um dos principais deuses.

Não obstante, importa considerar que o conjunto desses elementos que definem *Quetzalcóatl* apresenta uma dualidade manifestada pelas forças criativas e destrutivas que compõem a terra, o céu e todo o Universo. O firmamento e a luz foram identificados com as energias benéficas que dão movimento ao cosmo e sentido à vida. Ao contrário, a terra é concebida como uma grande boca que tudo devora, fazendo desaparecer os seres humanos, portanto, sinônimo de morte e do inferno.

Além de *Quetzalcóatl* estar ligado com as forças que consomem e regeneram a vida, existem outras características que fazem esse deus ser adorado entre os mesoamericanos. Bartolomé de Las Casas, em sua Apologética História Sumária, menciona três razões que justificam sua importância em toda a Mesoamérica. Em primeiro lugar, acreditava-se ter sido esse deus quem ensinou o ofício de trabalhar os metais; em segundo, ele nunca aceitou sacrifícios humanos nem de animais, mas apenas de flores e incenso; em terceiro lugar, porque proibiu severamente as guerras e procurou viver uma vida casta, dedicando-se a jejuns e orações (LAS CASAS, 1992).

Não obstante, *Quetzalcóatl*, enquanto deus criador, não pode ser considerado a única expressão da religiosidade asteca. A complexidade de seus mitos, que, de certa forma, justificava uma produção e organização social, apresentava outros deuses, que assumiam características singulares, mas com traços semelhantes: a criação. Nesta perspectiva, *Huitzilopochtli* estava entre as divindades mais populares e cultuadas na sociedade asteca, sobretudo entre os guerreiros.

Seu *tonalli* se identifica com uma prática constante desse povo, a guerra, e é a provável causa de ser patrono da escola responsável por educar guerreiros. Como deus solar, criador e belicoso, "adotou" o asteca como seu principal

⁹ Segundo as lendas astecas, existiu uma cidade, conhecida por Tula, que, governada por uma deidade, se constituía num reino feliz e próspero. Nesse reino, *Quetzalcóatl* não aceitava sacrifícios humanos. É muito provável que os astecas tenham usado Tula mítica como arquétipo para o poder sacerdotal, pois se constituía patrono do conhecimento.

¹⁰ O *tonalli* é o signo correspondente ao calendário sagrado asteca que prevê o destino e define a condição irremediável da vida dos indivíduos.

colaborador na tarefa de manter o Universo em movimento, quando esse povo lhe oferecia sangue humano como alimento, motivo que identificava os astecas como o Povo do Sol.

Segundo a tradição, *Huitzilopochtli* corporificava o Sol em seu zênite, ou seja, ao meio-dia. Os astecas acreditavam que o deus se reencarnava no corpo do colibri, razão de também ser cognominado "Colibri da Esquerda". A "esquerda" do mundo é o Sul e seus inimigos são as estrelas.

Sua origem, um tanto obscura, está vinculada a *Coatlicue*, a velha deusa da terra, sacerdotisa que vivia uma vida de retiro, penitência e castidade. Segundo a tradição asteca, *Coatlicue*, varrendo o seu templo, encontrou uma bola de plumas, que guardou sobre seu ventre. Terminados os seus afazeres, procurou-a, mas havia desaparecido por tê-la engravidado. Quando seus filhos, a lua *Coyolxauhqui* e as estrelas *Centzonhuitznáhuac*, souberam da notícia, enfureceram-se ao ponto de decidirem matar a gestante.

Y la dicha Coatlicue hacía penitencia barriendo cada día en la sierra de Coatépec. Y un día acontecióle que, andando barriendo, descendióle una pelotilla de pluma, como ovillo de hilado, y tomola y púsola en el seno junto a la barriga, debaxo de las naguas. Y después de haber barrido, quiso tomar, y no la halló, de que dicen se empañó. Y como la vieron los dichos indios *centzonhuitznáhuah*, a la madre que ya era preñada, se enojaron bravamente, diciendo: ¿Quién la empañó? Porque nos infamó y avergonzó. (SAHAGÚN, 1988, p.202)

Coatlicue chorou com a possibilidade de seu fim próximo, pois a lua e as estrelas se armaram para matá-la. Porém, o prodígio filho que estava em seu ventre a consolava, dizendo-lhe que no preciso momento a defenderia.

Quando os inimigos chegaram para sacrificar *Coatlicue*, nasceu *Huitzilopochtli*, que, com a serpente de fogo, o raio solar, cortou a cabeça de *Coyolxauhqui* e pôs em fuga *Centzonhuitznáhuac*, as quatrocentas estrelas. Assim sendo, *Huitzilopochtli*, ao nascer, teve de combater com seus irmãos, a Lua e as estrelas. Armado com a serpente de fogo, todos os dias as punha em fuga, travando uma batalha com as forças da escuridão. Portanto, o primeiro combate divino entre *Huitzilopochtli* e seus irmãos serviu de modelo para os guerreiros astecas.

Y el dicho Huitzilopochtli levantóse y armóse y salió contra los dichos *centzonhuitznáhuah*, persiguiéndoles y echándoles fuera de aquella

sierra de Coatépec, hasta abaxo, peleando contra ellos y cercando cuatro veces la dicha sierra. Y los dichos indios *centzonhuitznáhuah* no se pudieron defender ni valer contra el dicho Huitzilopochtli, ni le hacer cosa ninguna. Y ansí fueron vencidos, y muchos dellos murieron. (SAHAGÚN, 1988, p.204)

A narrativa do nascimento de *Huitzilopochtli*, assim como a maioria dos mitos astecas, oferece um cenário em que forças opostas, como o sol e a noite, travam uma batalha cósmica.

Nesse caso, o combate entre *Huitzilopochtli* e os seus inimigos *Centzonhuitznáhuas* parece representar a guerra entre tribos diferentes, ao mesmo tempo que definia essa prática como uma das fontes de subsistência do império asteca. Assim, o desacordo dos deuses solares e lunares parece reservar, em essência, um duplo sentido: um mítico e outro histórico.

Em primeiro lugar, enquanto estrutura mítica, dia após dia, o sol, ao nascer, deve lutar contra seus irmãos que dominam o céu noturno, como a Lua e as estrelas. Para derrotá-los, o astro usa seus raios, em forma de serpente, perseguindo e matando as estrelas, fazendo-as desaparecer. Portanto, os astros noturnos, como a Lua, se vêem sacrificados como condição para que o Sol, *Huitzilopochtli*, surja todas as manhãs (TIBÓN, 1997).

Uma segunda proposta de interpretação que se deve considerar é a mítico-histórica. O nascimento do *Sol-Huitzilopochtli* é relacionado, nessa perspectiva, com a mudança de direcionamento assumida pelas tribos astecas, ou seja, a "morte" do nomadismo lunar para dar lugar à sedentarização agrícola, caracterizada pelo sol. Essa possibilidade pode encontrar respaldo na peregrinação da tribo asteca, que lentamente se distanciava de outros povos para seguir seu próprio caminho em busca de residência fixa - procura marcada por intensos combates de tribos diferentes para a ocupação da terra, os quais resultaram na consagração do asteca como um povo solar e guerreiro, principal colaborador do deus na luta celeste (JOHANSSON, s/d).

Todos os dias o deus trava o divino combate, porém, para que triunfe, é mister que seja forte e vigoroso, pois tem de lutar contra as inúmeras estrelas do Norte e do Sul, afugentando-as com a flecha de luz. Em razão disso, o homem deve alimentar o Sol; mas este, como deus que é, desdenha os alimentos grosseiros, pois somente pode ser mantido com a substância mágica que se encontra no sangue do homem.

O asteca é o povo de *Huitzilopochtli*, escolhido pelo Sol; é o encarregado de proporcionar-lhe o alimento. Por isso a guerra, para o asteca, é também uma forma

de culto e uma atividade necessária que levou a criar a *Xochyaóyotl* ou "Guerra Florida", a qual se diferencia das guerras de conquista, por não ter como objetivo apoderar-se de novos territórios nem impor tributos aos povos conquistados. mas procurar prisioneiros para sacrificar ao Sol.

Isso posto, entende-se que *Huitzilopochtli*, assim como *Quetzalcóatl*, destacou-se na sociedade asteca por relacionar-se com uma prática comum desse povo, a guerra, que recebeu um significado mítico e religioso ao identificar-se com a missão divina de sustentar o cosmo. Entretanto, cabe considerar que o "Colibri da Esquerda" não está associado apenas à belicosidade do asteca. Ao lado de *Quetzalcóatl*, foi um dos deuses que presidiram a geração e o nascimento das Idades e dos homens, como relata o mito dos Sóis.

1.2 A criação dos sóis

Nas tradições mesoamericanas, encontra-se a idéia de que o nosso mundo foi precedido por quatro mundos ou sóis, que tiveram seu fim em cataclismos. A esses mundos desaparecidos se dão os nomes de *Sol de Tigre*, *Sol de Vento*, *Sol de Chuva* ou *Fogo* e *Sol de Água*. Ao quarto Mundo ou Idade, segue-se, no mito, a criação do último Sol e da humanidade atual, o *Sol de Movimento*.

Segundo esses mitos, a criação teve início com o primeiro Sol, *Nahui Ocellotl*, ou Quarto Tigre. Para alguns códices, durou 676 anos. Devido à pouca luz, *Tezcatlipoca*¹¹ transformou-se no Sol e se pôs em movimento, convertendo-se no primeiro deus que se fez sol, dando início às eras do mundo. A partir daí, começa-se a contar o tempo. Os seres dessa época eram gigantes que arrancavam árvores, pois não sabiam cultivar a terra e se alimentavam de frutos e raízes silvestres. Essa idade teve seu final quando *Quetzalcóatl* derrubou com um bastão o Sol, que, caindo na água e transformando-se em um tigre, devorou os gigantes, ficando despovoada a terra e o universo sem sol.

Este Sol *nahui ocellotl* (4 tigre) fué de 676 anos. Estos que aquí moraron la primera vez, fueron devorados de los tigres en el *nahui*

¹¹ Deus noturno, patrono dos feiticeiros. É aquele que se disfarça de tigre.

ocelotl del Sol; comían *chicome malinalli*¹², que era su alimento, con el cual vivieron 676 años, hasta que fueron devorados como una fiera en trece años; hasta que perecieron y se acabaron. Entonces desapareció en Sol. El año de éstos fué *ce acatl* (1 caña). Por tanto, empezaron a ser devorados en un día del signo *ocelotl*, bajo el mismo signo en que se acabaron y perecieron. (CÓDICE CHIMALPOPOCA, 1945, p.119)

Então os deuses criaram o Segundo Sol, *Nahui Ehécatl*, Sol de Vento, bem como recriaram a vida. Desta vez foi *Quetzalcóatl*, que se transformou em sol para iluminar a terra. Os seres dessa idade só comiam pinhões. Porém, *Tezcatlipoca*, transformado em Jaguar, derrubou o Sol com uma patada, provocando um vendaval que tombou as árvores e lançou os homens pelos ares. Aqueles que não pereceram pelo vento transformaram-se em macacos. Segundo alguns relatos, essa idade durou 676 anos (outras informações se referem a 364 anos).

El nombre de este Sol es *nauhuecatl* (4 viento). Estos que por segunda vez moraron, fueron llevados del viento: fué en el *nahuecatl* del sol. En cuanto desaparecieron, llevados del viento, se volvieron monas; sus casas y también sus árboles, todo se llevó el viento; a este Sol asimismo se llevó el viento. Comían *matlactlomome cohuatl*¹³ (12 culebra); era su alimento, con que vivieron trescientos sesenta y cuatro años, hasta que desaparecieron en un solo día que fueron llevados del viento; hasta que perecieron en un día del signo *nauhecatl*. (CODICE CHIMALPOPOCA, 1945, p.119)

Os deuses criadores fizeram surgir o Terceiro Sol, que durou, para algumas fontes, 312 anos, para outras, 364. Foi encarnado por *Tláloc*, o deus da chuva e do fogo celeste. Sob sua vigência, os homens se alimentavam de sementes. Porém, da mesma forma que os sóis anteriores, desapareceu entre grandes catástrofes: Ardeu o sol, choveu fogo e os homens e suas casas foram destruídas. Quem não morreu nessas catástrofes, transformou-se em ave ou jacaré.

¹² Abacaxi

¹³ Pão.

Este es el Sol *nahui quiyahuítl* (4 lluvia); y estos los que vivieron en el Sol *nahui quiyahuítl*, que fué el tercero, hasta que se destruyeron porque les llovió fuego y se volvieron gallinas. También ardió el sol; y todas las casas de ellos ardieron. Por tanto, vivieron trescientos doce años, hasta que se destruyeron en un solo día que llovió fuego. Comían *chicome tecpatl*¹⁴ (7 pedernal), que era su alimento. Su año es *ce tecpatl* (1 pedernal); hasta que se destruyeron en un día del signo *nahui quiahuitl*, fueron *pipiltin* (niños); por eso ahora se llama a los niños *pipilpipil* (muchachitos) (CODICE CHIMALPOPOCA, 1945, p. 119).

As divindades criaram o Quarto Sol, *Nahui Atl*, Sol de Água, que durou 676 anos para alguns relatos e 212 para outros. *Chalchauhlicue*, a deusa da água, se converteu em sol por ordem de *Quetzalcóatl*. Durante essa era, os seres humanos se alimentavam de sementes semelhantes ao milho. Esse sol acabou com um grande dilúvio que inundou a terra, convertendo homem e mulher em peixes, e fez com que o céu despencasse sobre a terra.

El nombre de este Sol es *nahui atl* (cuatro agua), porque hubo agua cincuenta y dos años. Estos son los que vivieron en el cuarto, que fué el Sol *nahui atl*; que vivieron seiscientos setenta y seis años, hasta que se destruyeron, se anegaron y se volvieron peces. Hacia acá se hundió el cielo y en solo un día se destruyeron. Comían *nahui xochitl* (cuatro flor); era su alimento. Su año fué *ce calli* (1 casa). En un día del signo *nahui atl*, en que se destruyeron, todos los cerros desaparecieron, porque hubo agua cincuenta y dos años. (CODICE CHIMALPOPOCA, 1945, p.119-120)

A *Leyenda de los Soles*,¹⁵ documento que compõe uma síntese dos Quatro Sóis, foi provavelmente inspirada em algum códice pré-colonial. Apresenta dados fundamentais, como: o nome e a duração de cada idade, os cataclismos

¹⁴ Grãos de trigo.

¹⁵ Documento de autor desconhecido, provavelmente foi um mestiço, descoberto por Lorenzo Boturini Benaduci, por volta de 1736 a 1740. Composto por dois relatos, *Anales de Cuauhtitlan e Leyenda de los soles*. O primeiro descreve a marcha asteca e o segundo descreve os mitos. A data em que foi escrito o próprio autor menciona na primeira página da *Leyenda de los soles*, 22 de maio de 1558.

que as liquidaram, os alimentos e a conversão dos homens em animais.

Embora as datas das criações, o tempo de duração de cada era ou idade, bem como a seqüência de cada nascimento, não coincidam nas diversas fontes, elas datam precisamente esses episódios cosmogônicos. Essas informações não são claras em relação aos homens, pois apresentam duas indicações: no Primeiro Sol, quando afirma que eram gigantes e se alimentavam de ervas silvestres, e no Terceiro Sol, quando eles são tratados como crianças, *pipiltin*.¹⁶

Uma característica importante do mito refere-se ao alimento humano. As diversas plantas que são citadas como comida vão se aproximando progressivamente do ideal de alimentação do asteca, representado pelo milho, sendo que a maioria dos povos indígenas americanos - incas e maias, por exemplo - adotaram a gramínea¹⁷ como fonte principal de subsistência (CASO, 1992).

Essa assertiva pode encontrar respaldo quando se somam as idades dos quatro sóis, que perfazem em torno de 2628 anos, período muito próximo à revolução agrícola, ocorrida aproximadamente há 3000 anos. A soma desses anos coincide com o mito do nascimento do Quinto Sol, com o cultivo do milho e com a sedentarização do homem, a qual trouxe como exigência a conquista de territórios.

Nesse caso, o *Códice Chimalpopoca*, composto pelos *Anales de Cuauhtitlan* e a *Leyenda de los Soles* respectivamente, indica etapas sucessivas do desenvolvimento econômico e religioso do povo asteca, durante sua imigração em direção ao Sul. Nas duas primeiras idades, não há sinais de que o homem estivesse preparado para a agricultura, pois dependia da *coleta* dos frutos. Além disso, o conflito marcante de *Quetzalcóatl* e *Tezcatlipoca*, uma entidade belicosa, sugere que as divindades lunares também estavam sendo substituídas pelo culto ao Sol, símbolo da guerra. Essa relação de disputa e poder pode ser verificada a partir da segunda era, com a progressiva vitória de *Tezcatlipoca* sobre seu oponente.

Os dois sóis subseqüentes, o terceiro e o quarto, são caracterizados pelos deuses da chuva, *Tlalóc*, e da água, *Chalchauhlicue*. Em ambos, a humanidade se alimenta de sementes, o que pressupõe um aproveitamento dos recursos naturais para fazer a semeadura e a colheita, que não é possível realizar sem se estar

¹⁶ Entre os astecas, *pipiltin* representa sobretudo os setores da "nobreza."

¹⁷ Os astecas tinham a deusa *Chicomecóatl* como a deidade da vegetação e, por isso a chamavam de "deusa do mantimento e da fecundidade".

fixado em um território e sem o domínio de técnicas que permitam sua produção. Destarte, o mito dos Quatro Sóis parece evidenciar um processo de transformação social das tribos nortistas que vagavam em busca de assentamento. De tribos coletoras passaram a ser sedentárias, dependentes, em boa parte, da produção agrícola.

O mito dos Quatro Sóis também pode ser interpretado como um reflexo da ordem e importância que os deuses alcançaram nos cultos locais. Na história dos astecas há referências a disputas entre devotos de uma mesma cidade ou tribo que adotavam cultos diferentes para resolver a supremacia do poder ou da religião. Esse conflito pode ser apontado no confronto dos deuses *Tezcatlipoca* e *Quetzalcóatl* ao criarem e destruírem os sóis, como se faz notar nas primeiras idades (VAILLANT, 1992).

Não obstante, o mito asteca parece indicar outro significado ao apresentar a aniquilação sucessiva dos sóis: demonstra que os astros já nascem condenados à ruína, como também revela tentativas ininterruptas dos deuses em recriá-los e preservá-los. Sendo assim, a seqüência de destruição representada pela água, fogo, ar, tigres e a transformação da humanidade em peixes, aves, macacos e gigantes, parece assinalar uma idéia não de evolução, mas de progresso nos diversos ensaios que os deuses fizeram para criar um sol definitivo bem como a humanidade. Assim, na primeira tentativa, o homem e a mulher se transformaram em peixes, na segunda em aves; na terceira, a intenção de criá-los resultou num gesto falido, pois estavam convertidos em macacos. Na quarta, por sua vez, já eram homens, mas com características bárbaras, pois não sabiam semear, por isso coletavam frutos e raízes para comer (CASO, 1992).

Segundo Laurette Séjourné, a humanidade destruída junto com os sóis sempre reaparece na criação posterior, com outra forma. Desse modo, o fato de que as idades às quais pertence o homem não são viáveis para sua manutenção, parece indicar a condenação de suas formas e uma tendência experimental do mito em recriar outras melhores. Cada uma delas termina com o fracasso dos quatro elementos, considerados incapazes de efetuar uma realização satisfatória sem a ajuda de um quinto. Havendo sido descartados sucessivamente todos os componentes físicos, somente o *Tempo* se impõe como agente criador, capaz de dar forma à matéria (SÉJOURNÉ, 1972).

O que parece apontar o mito é um movimento de reprodução dos ciclos temporais e o drama da realização do homem com seus esforços para conservá-lo; porém, importa considerar que essas narrativas, que parecem sintetizar o advento do homem e do milho, preparam o nascimento do quinto sol, uma vez que o quarto se extinguiu e o mundo se encontrava na penumbra.

Em razão da escuridão do mundo, os deuses se preocuparam em criar um novo sol. Reunidos em *Teotihuacán*, a cidade dos deuses, perguntavam entre si quem teria a tarefa de iluminar o mundo, atividade que ficou para *Quetzalcóatl*.

Dixeron los unos a los otros dioses: ¿Quién tendrá cargo de alumbrar al mundo? Luego a estas palabras respondió un dios que se llamaba Tecuciztécátl, y dixo: Yo tomo a cargo de alumbrar al mundo. Luego outra vez hablaron los dioses y dixeron: ¿Quién será outro? [...]. Uno de los dioses de que no se hacían cuenta y era buboso no hablaba, sino oía lo que los otros dioses decían. Y los otros habláronle y dixéronle: Sé tú el que alumbres, bubosito. Y él de buena voluntad obedeció a lo que le mandaron, y respondió: En merced recibo lo que me habéis mandado. Sea así. (SAHAGÚN, 1988, p.479)

Coube a *Tezcatlipoca* e a *Quetzalcóatl* a missão de iniciar a restauração do universo destruído pelo dilúvio. Primeiro, retiraram as águas que haviam inundado a terra, logo depois levantaram o céu que havia caído sobre o solo; mas como este era grande e pesado, criaram quatro homens para ajudar a sustentá-lo. Ainda assim, como não foi possível segurá-lo, foi preciso que *Tezcatlipoca* e *Quetzalcóatl* se convertessem em grandes árvores para segurá-lo (FLORESCANO, 2000).

Y para que los ayudasen, criaron cuatro hombres: al uno dijeron Cuatemoc y al outro, Itzcoatl, y ai outro Itzmañi (t. v. Izcali), y al outro Tenexuchitl. Y criados estos cuatros hombres, los dos dioses, Tezcatlipuca y Quetzalcoatl, se hicieron árboles grandes. Tezcatlipuca, en un árbol que dicen tezcacuahuítl, que quiere decir 'árbol de espejos', y el Quetzalcoatl en un árbol que dicen quetzalhuexotl. Y con los hombres y con los árboles y dioses alzaron el cielo con las estrellas como agora está. (GARIBAY, 1996, p.32)

Como recompensa por tal feito, os deuses foram elevados à categoria de senhores do céu e das estrelas.

Mesmo depois de resgatado o universo, os deuses perceberam que a criação não estava completa, o que requisitou nova reunião para completarem a sua obra, principalmente no que se refere à terra, a qual estava escura. Para clareá-la, fazia-se necessário pequenas fogueiras, o que exigia urgência na criação do Sol (GARIBAY, 1996).

A decisão passou por jejum e auto-sacrifício e, após essas práticas, dois deuses.

Tecuciztécatl e *NanahuatŪn*, ofereceram-se para o gesto criador. No processo, esses deuses puseram-se em penitência por quatro dias, durante os quais acenderam uma fogueira para dedicar suas oferendas a *Quetzalcóatl* e *Huitzilopochtli*.

Depois de se penitenciarem, os deuses se reuniram em torno de uma fogueira, na qual *Tecuciztécatl* e *Nanahuatzin* deveriam se atirar, pois, de seus sacrifícios nasceriam o Sol e a Lua. O primeiro a tentar foi *Tecuciztécatl*, o qual, mesmo tendo medo, tentou por quatro vezes. Em seguida, *Nanahuatzin* atirou-se ao fogo e, consumido pela pira, converteu-se em sol, que nasceu no Oriente. Encorajado, *Tecuciztécatl* atira-se às chamas, transformando-se pouco depois em lua.

Y llegaba la medianoche todos los dioses se pusieron en derredor del hogar que se llama *teutexcalli*. [...]. Y luego los dos sobredichos se pusieron delante del fuego [...] hablaron los dioses y dijeron a Tecuciztécatl: ¡Ea, pues, Tecuciztécatl. entra tú en el fuego! Y [...] como sintió el gran calor del fuego, hubo miedo[...] Cuatro veces probó, pero nunca se osó echar.[...]¡Ea, pues, Nanahuatzin, prueba tú! Y como le hubieron hablado los dioses, esforzósse y, cerrando los ojos, arremetió y echóse en el fuego. Por la orden que entraron en el fuego, por la mesma salieron hechos sol y Luna. (SAHAGÚN, 1988, p.480-481)

Entretanto, por quatro dias o Sol não se moveu e esteve quieto. Os deuses, preocupados e temerosos, perguntavam-se por que o astro não se movimentava. Para saber, *Itztlotli*, o Gavião de Obsidiana, foi enviado para inquirir o Sol por que estava parado. Sua resposta foi a exigência do sacrifício humano (CÓDICE CHIMALPOPOCA, 1945).

Diante da condição imposta, os deuses decidiram sacrificar a própria vida e oferecer seu sangue como alimento ao Sol, que passou a exercer o papel para o qual fora criado. Do caos e da escuridão surge uma nova ordem: o céu caído é levantado e posto no seu lugar. A terra e a água ressurgem outra vez da desordem, dotadas de seus poderes generativos. Os deuses criam novamente o homem, junto com os dons necessários, como o fogo e o alimento, para que se reproduzam e povoem a terra.

Uma e outra vez, o relato mítico assinala o esforço criativo dos deuses para impor a ordem e dar vida ao mundo. O ápice desse esforço divino é o sacrifício dos próprios deuses para dar movimento ao novo sol. Precisamente, o mito parece destacar que, se o sentido da criação divina

foi gerar a vida no mundo, o das criaturas terrenas é manter, com seu próprio sangue, a ordem criada e a vitalidade permanente do universo (FLORESCANO, 2000).

O mito do Quinto Sol deixa transparecer o poder restaurador dos deuses e as condições para que ele se efetue. Parece haver, nessa perspectiva, uma relação entre nascimento, penitência e sacrifício, pois toda criação é precedida por esses elementos, como se pode observar no nascimento de *Huitzilopochtli* e do Quinto Sol. Nesse mito, por exemplo, os deuses *Nanahuatzin* e *Tecuciztécatl* fazem sua contrição antes do sacrifício que daria origem ao astro.

Segundo Laurette Séjourné, o sacrifício e a penitência surgem como fatores que determinam o êxito da criação, de tal modo que outro candidato a sol não chega mais que à categoria de lua, isso porque suas ações deixaram a desejar. Por isso, *Nanahuatzin* está representado como o penitente por excelência, aquele que cumpriu os ritos com absoluta sinceridade, de modo que os deuses se persuadiram de sua vontade de transformação.

Sendo assim, cumprida a tarefa de recriar o céu e a terra, os deuses, em conselho, perguntaram-se quem habitaria esta última, uma vez que a humanidade havia se extinguido com a queda do céu sobre a terra.

1.3 Criação do homem

Depois que levantaram o céu e separaram as águas, os deuses criaram o homem, uma vez que a terra estava despovoada. A responsabilidade de recriar o homem coube a *Quetzalcóatl*, que, descendo ao *Mictlán*¹⁸, venceu a resistência dos senhores do inferno e resgatou os ossos das gerações anteriores e com eles refez a humanidade.

Segundo a *Leyenda de los Soles*, *Quetzalcóatl* encontra-se com o senhor do inferno e lhe diz que estava em busca dos ossos que guardava. *Mictlantecuhtli* perguntou-lhe para que os queria e *Quetzalcóatl* respondeu-lhe que os deuses fariam novos habitantes da terra.

¹⁸ Reino dos mortos.

O *Códice Chimalpopoca* relata da seguinte forma a ação de *Quetzalcóatl*:

Luego fue Quetzalcóhuatl al infierno (Mictlán, entre los muertos), se llegó a Mictlanteuctli y a Mictlancíhuatl y dijo: he venido por los huesos preciosos que tú guardas. Y dijo aquél: ¿Qué harás tú, Quetzalcóhuatl? Otra vez dijo éste: tratan los dioses de hacer consellos quien habite sobre la tierra.[...]. (CÓDICE CHIMALPOPOCA, 1945, p.120)

Mictlantecuhtli pediu-lhe então que, em troca, tocasse seu caracol e lhe trouxesse pedras preciosas. *Quetzalcóatl* observou que o instrumento não tinha furos para os dedos e chamou alguns gusanos¹⁹ para fazerem os devidos buracos, pelos quais entraram abelhas e tocaram o instrumento. Ouvindo a música, *Mictlantecuhtli* deu-lhe os ossos, pedindo-lhe que os devolvesse em breve. *Quetzalcóatl*, mesmo com a intenção de levá-los para sempre, pediu ao seu *nahual*²⁰ dizer a *Mictlantecuhtli* que os devolveria em curto tempo.

Toca mi caracol y tráele cuatro veces al derredor de mi asiento de piedras preciosas. Pero su caracol no tiene agujeros de mano. Llamó a los gusanos, que le hicieron agujeros, e inmediatamente entraron allí las abejas grandes y las montesas, que lo tocaron; y lo oyó Mictlanteuctli a sus mensajeros los mictecas: Id a decirle, dioses, que há de venir a dejarlos. (CODICE CHIMALPOPOCA, 1945, p. 120)

O deus da vida inicia sua volta do inferno depois de pegar os ossos e fazer uma trouxa. *Mictlantecuhtli*, percebendo as intenções de *Quetzalcóatl*, manda seus mensageiros fazerem um buraco, no qual o deus da vida cai desfalecido, espalhando os ossos, que são corroídos por codornas. Quando acorda e se dá conta da situação, recolhe os ossos e os leva para *Teotihuacan*.

¹⁹ Roedores, furão.

²⁰ Transformação de Xolótl, duplo de *Quetzalcóatl*, o deus em forma de cachorro, que representa um raio.

Subió pronto, luego que cogió los huesos preciosos: estaban juntos de un lado los huesos de varón y también juntos de outro lado os huesos de mujer. Así que los tomó, Quetzalcóhuatl hizo de ellos un lío, que se trajo. Outra vez les dijo Mictlanteuctli a sus mensajeros: ¡Dioses! De veras se llevó Quetzalcóhuatl los huesos preciosos. ¡Dioses Id a hacer un hoyo. Fueron a hacerlo; y por eso se cayó en el hoyo, se golpeó y le espantaron las codornices; cayó muerto y esparció por el suelo los huesos preciosos, que luego mordieron y royeron las codornices. A poco resucitó Quetzalcóhuatl, lloró y dijo a su nahuatl: ¿Como será esto, nahua mío? El cual dijo: ¡Cómo há de ser! Que se echa perder el negocio: puesto que llovió. Luego los juntó, los recogió e hizo un lío, que inmediatamente llevó a Tamoanchan. (CODICE CHIMALPOPOCA, 1945, p.121)

De retomo ao local onde seus pares se encontravam, entregou os ossos à deusa *Cihuacóatl-Quilaztli*, que fez deles uma massa e solicitou às divindades que se sacrificassem, derramando seu sangue sobre a mesma. *Quetzalcóatl* foi o primeiro a se sacrificar. Logo depois os outros deuses fizeram o mesmo. Dos ossos moídos, misturados com o sangue divino, surgiu a nova humanidade.

Luego los juntó, los recogió e hizo un lío, que inmediatamente llevó a Tamoanchan. Después que los hizo llegar, los molió la llamada

Quilachtli: ésta es Cihuacóhuatl, que a continuación los echó en un lebrillo precioso. Sobre él se sangró Quetzalcóhuatl su miembro; y en seguida hicieron penitencia todos los dioses que se han mencionado. (MOCTEZUMA, 1997, p.50-51)

Após esse ato criador, os deuses perceberam que faltavam alimentos para os homens. Novamente os serviços de *Quetzalcóatl* foram requisitados para o cumprimento dessa nova missão. Em seu trabalho, o deus observou que as formigas transportavam grãos de milho nas costas e, não obtendo informações das suas fontes de abastecimento, transformou-se numa delas, acompanhou-as e chegou ao *Tonacatepetl*, uma espécie de paraíso da fertilidade. Tomou o milho e o levou a *Tamoanchan*, onde se encontravam reunidos os deuses, que o mastigaram e colocaram na boca do novo homem (NATALINO DOS SANTOS, 2002).

Luego fué la hormiga a coger el maíz desgranado dentro del Tonacatépetl (cerro de las mieses). Encontró Quetzalcóhuatl a la hormiga y le dijo: Dime adónde fuiste a cogerlo.[...] Luego le dice que allá (señalando el lugar); y la acompaño. Quetzalcóhuatl se volvió hormiga negra, la acompaño, y entraron [...] hasta el depósito, arregló el maíz y en seguida I levo a Tamoanchan. (CODICE CHIMALPOPOCA, 1945, p.121)

Assim sendo, no gesto de *Quetzalcóatl* de se lançar ao inferno para restituir a vida apreende-se uma concepção de religião dos astecas segundo a qual eles se acreditavam dependentes dos deuses, pois deles nasceram e era preciso imitá-los para garantir a continuidade do seu mundo. Nesse caso, os mitos demonstram ser modelos de conduta principalmente de sacerdotes e guerreiros, concebidos para cumprir seu destino: alimentar as divindades com seu sangue.

Por meio dos seus mitos, o asteca parece querer repetir os mitos iniciais da criação e garantir a continuidade da vida dos astros e dos homens. Porém, não é apenas isso. Para corresponder a seus mitos, é possível que a administração da vida cotidiana tenha sido pensada para responder a esse quadro. pois a economia do império asteca constitui parte integrante de assuntos religiosos. As atividades realizadas na sociedade indicam estar orientadas para a realização do sacrifício humano. Esse ato, para o asteca, constitui-se como a resposta para o desgaste das forças estruturais do universo e a solução mais "viável" para a alimentação energética dos deuses (DUVERGER, 1993).

O forte teor religioso, moral e disciplinar indica a preocupação em formá-los para obedecerem aos rígidos padrões de conduta social, pois acreditavam que assim seria possível evitar o desgaste das forças que asseguravam a vitalidade de seu mundo. Essa construção fica mais clara quando tomamos os referenciais religiosos utilizados pelos astecas durante a marcha pelo deserto americano, pois marchavam acreditando seguir a promessa de encontrar um lugar em que pudessem se estabelecer.

Nesse caso, tanto a origem de seu mundo quanto a de sua sociedade foram explicadas a partir dos mitos. Mas não é só isso. Entender a marcha e a organização social exige um esforço maior, que permita relacionar outros fatores que contribuíram para seu desenvolvimento, como os de ordem econômica, política, religiosa e educacional.

Referências

CODICE CHIMALPOPOCA, *Anales de Cuauhtitlan y Leyenda de los Soles*. México: Imprenta Universitária, 1945.

CASO, Alfonso. *El pueblo del sol*. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

DUVERGER, C. *La flor letal: economía del sacrificio azteca*. México: Fondo de Cultura Económica, 1986.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____, *Tratado de História das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FLORESCANO, Enrique. *El mito de Quetzalcóatl*. 2.ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1999.

_____, *Memoria mexicana*. México: Fondo de Cultura Económica, 2000.

GARIBAY, Angel M. *Teogonía e Historia de los mexicanos: três opúsculos dei siglo XVI*. México: Editorial Porrúa, 1996.

_____, *Historia de la literatura náhuatl*. México: Editorial Porrúa, 2000.

JOHANSSON, P. *Estúdio comparativo de la gestación y del nacimiento de Huitzilopochtli em um relato verbal, uma variante pictográfica y um "texto" arquitectónico*. Disponível em:

www.ejournal.unam.mx/cultura_nahuatl.

LAS CASAS, Bartolomé de. *Apologética historia sumaria*. Madrid: Alianza Editorial, 1992

LÉVI-STRAUSS, C. *Antropologia estrutural*. 5. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MOCTEZUMA, Educaro M. *Muerte a filo de obsidiana: los nahuas frente a la muerte*. México: Fondo de Cultura Económica, 1997.

NATALINO DOS SANTOS, E. *Os mitos e deuses mesoamericanos através da crônica espanhola na época da Conquista*. Disponível em: www.ceveh.com.br.

REALE, G. *História da filosofia antiga*. Vol. I. 2.ed. São Paulo: Loyola, 1993.

SAHAGÚN, Bernardino de. *Historia general de las cosas de Nueva España*. Madrid: Alianza Editorial, 1998.

SÉJOURNÉ, Laurete. *América Latina: antiguas culturas precolombinas*. V. I. Madrid: Siglo Veintiuno, 1972.

_____, *El universo de Quetzalcóatl*. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

TEZOMOC, Fernando Alvarado. *Crônica mexicayotl*. México: Imprenta Universitária, 1949.

TIBÓN, G. *Historia del nombre y de la fundación de México*: Fondo de Cultura Económica, 1997.

VAILLANT, C. G. *La civilización azteca*. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.